

Quinta-feira, 28 de Novembro de 1957

RUBEM BRAGA

ARMSTRONG

28-11-57

ARMSTRONG não vai morrer de tristeza ou deixar de tocar piston por causa disso, mas não cheguei a vibrar no Municipal com seu conjunto. A culpa será minha ou do Municipal, mas não senti aquêle transporte sagrado que mesmo em um homem tão pouco musical como este cronista o «jazz» às vêzes produz. Talvez logo mais no Maracanãzinho êsse pequeno conjunto de mestres se aqueça ao calor da massa popular para vibrar numa grande noite. Mas talvez o «jazz» precise um pouco de bebida em volta, de tumaça de cigarros, de salão cheio, para dar o seu tudo. Ou a pressa horrível dessas excursões tire aos artistas aquêle prazer mais genuíno de tocar, aquela volúpia de improvisar coisas de dar o melhor de si.

Esse homem de 57 anos não é apenas um virtuose e um artista. É um grande cidadão das Américas, um homem que soube construir sua vida não apenas pelo talento como pela retidão e pela força de vontade. Moleque pobre do bairro mais miserável de Nova Orleans, crescido entre bandidos e prostitutas, êle começou como jornaleiro e fez depois tudo quanto é serviço pesado. Mesmo quando já ganhava um salário decente tocando das oito, às quatro da manhã, ainda trabalhava muitas horas durante o dia fazendo entrega de carvão em um carro puxado a mula. A avó, que a princípio tomou conta dêle, e depois Mayann, sua mãe, eram pobres demais para lhe dar uma educação além da primária. Ele teve de abrir seu caminho em um meio perigoso, e soube fazê-lo com uma viril dignidade. Seu livrinho «Minha vida em New Orleans» conta, sem disfarces nem gabolices, a dureza de sua vida até o momento em que chegou a Chicago para tocar com King Oliver.

Esse moleque de «slum» é agora um cidadão que eleva os Estados Unidos. Passou a barreira da cor e a barreira da nacionalidade para ser hoje, antes de tudo, um artista do mundo, um dos homens representativos de seu tempo. Honra e glória a Louis Satchmo Daniel Armstrong!

425